



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS IV – CATOLÉ DO ROCHA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁGIAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

VANESSA DA CUNHA SOUSA

DISTOPIA E ESPERANÇA EM BECOS DA MEMÓRIA

**CATOLÉ DO ROCHA
2024**

VANESSA DA CUNHA SOUSA

DISTOPIA E ESPERANÇA EM BECOS DA MEMÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Departamento de Letras e Humanidades do Curso de Licenciatura Plena em Letra Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras – Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura afro-brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Auribio Farias Conceição.

**CATOLÉ DO ROCHA
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725d Sousa, Vanessa da Cunha.
Distopia e esperança em Becos da Memória [manuscrito] /
Vanessa da Cunha Sousa. - 2024.
34 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Agrárias, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Auribio Farias Conceição,
Coordenação do Curso de Letras - CCHA. "

1. Literatura afro-brasileira. 2. Escrivência. 3. Identidade.
I. Título

21. ed. CDD 801.95

VANESSA DA CUNHA SOUSA

DISTOPIA E ESPERANÇA EM BECOS DA MEMÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Licenciatura Plena em Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 17/06/2024.

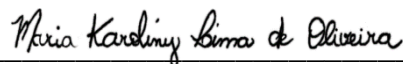
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Auribio Farias Conceição
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Maria Karoliny Lima de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe Vilma Antônia, que me deu o sopro da vida e sempre acreditou que a educação é a base essencial para uma vida plena na sociedade, ao meu padrasto Sidkey Souto, pelo apoio incondicional em todos esses anos como papel de pai, amigo e apoio, ao meu pai, Marcos José que em vida sempre acreditou que eu era capaz e a mim mesma que nunca desistiu da vida acadêmica mesmo pensando muitas vezes que a universidade não era o meu lugar, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, que possibilitou a mim a sabedoria, disciplina e crença em dias melhores através da educação e do desejo de mudar não só a minha vida, mas também vidas.

A minha mãe e professora, Vilma Antônia Oliveira da Cunha, e ao meu pai de coração Sidkley Souto da Silva, pelo apoio incondicional e acolhimento, que muito contribuíram para a minha persistência nesse trabalho tão árduo que é ser professor.

Ao meu pai (*In memoriam*) Marcos José de Sousa, que em vida sempre acreditou que eu era capaz de ir além, que me criou e me fez ser a pessoa que sou hoje.

As minhas colegas de curso, Maria Beatriz, Rayane e Mariana, amigas com as quais convivi intensamente durante os últimos anos, pela amizade, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formanda.

Ao meu companheiro, Gabriel Veras, que nunca desistiu de mim nem por um minuto sequer desde que nos conhecemos e vem me apoiado em todas as minhas decisões incondicionalmente.

Aos professores do curso, por todos os conselhos e ensinamentos ao longo do curso, com a qual guiaram o meu aprendizado.

“Havia o medo, o incerto, o imprevisível do amanhã. Mas havia a tenacidade, a força, o desejo de vida.”

Conceição Evaristo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	DIREITO ÀS ESCRIVIVÊNCIAS	13
4	A CON(FUSÃO) NA ANÁLISE DA PERSONAGEM	24
5	"MORRER DE NÃO VIVER" <i>VERSUS</i> "VIVER DO VIVER"	27
6	SÃO, SALVO E SOZINHO	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS	34

RESUMO

Este trabalho investiga o lugar de pertencimento e a experiência de pessoas negras na literatura brasileira contemporânea, focando em como esses aspectos são retratados em *Becos da Memória* de Conceição Evaristo. A análise se concentra nas personagens Maria-Nova e Tio Totó, destacando a intensidade de distopia e esperança em suas trajetórias. O objetivo é resgatar as vivências das vozes subalternas, que identificam as memórias da própria autora e dos seus nas vielas de cotidianos opressivos de apartação social, além de investigar como a esperança ou a falta de esperança são utilizadas como base para o desenvolvimento das personagens Maria-Nova e Tio Totó na obra *Becos da Memória* de Conceição Evaristo. Para embasar a pesquisa, propõe-se uma análise do cenário contemporâneo brasileiro em relação às escritoras negras, com foco em Conceição Evaristo, além buscar questionamentos acerca do direito tanto à literatura quanto à escrita partindo de reflexões resultantes da obra “*Becos da Memória*”, com aporte de teóricos como Duarte (2021), Machado (2014), Dalcastagnè (2011), entre outros. A partir da análise realizada, é evidente que a literatura afro-brasileira desempenha um papel crucial na construção e na afirmação das identidades negras no Brasil. Conforme discutido, a escrita de Conceição Evaristo exemplifica esse movimento ao utilizar a literatura como uma ferramenta de denúncia e reflexão crítica, destacando a condição das populações negras e a busca por justiça social.

Palavras-Chave: Literatura afro-brasileira. Escrivivência. Identidade.

ABSTRACT

This work investigates the place of belonging and the experience of black people in contemporary Brazilian literature, focusing on how these aspects are portrayed in *Becos da Memória*, by Conceição Evaristo. The analysis focuses on the characters Maria-Nova and Tio Totó, highlighting the intensity of dystopia and hope in their trajectories. The objective is to understand the relationship between these elements and how they reflect memories, identities and resistances of the residents of the community portrayed. To support the research, an analysis of the contemporary Brazilian scenario in relation to black women writers is proposed, focusing on Conceição Evaristo, in addition to seeking questions about the right to literature and writing based on reflections resulting from the work *Becos da Memória*, with contributions from theorists such as Duarte (2021), Machado (2014), Dalcastagnè (2011), among others. From the analysis carried out, it is evident that Afro-Brazilian literature plays a crucial role in the construction and affirmation of black identities in Brazil. As discussed, Conceição Evaristo writing exemplifies this movement by using literature as a tool for denunciation and critical reflection, highlighting the condition of black populations and the search for social justice.

Keywords: Afro-Brazilian literature. Writing. Identit.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como justificativa enaltecer a autora Conceição Evaristo, uma renomada escritora brasileira, e analisar sua obra sob um olhar crítico e reflexivo. A obra em questão, *Becos da Memória* (2022), é um dos mais importantes romances da literatura contemporânea que retrata a realidade dura e cruel do contexto social no Brasil em relação as vozes silenciadas e marcadas pelo colonialismo e escravidão. No entanto, apesar de toda a adversidade presente no texto, é possível identificar traços de esperança entre os fios memorialísticos, que, segundo Duarte (2021) “apresenta temas, linguagens e, sobretudo, pontos de vista marcados pelo pertencimento étnico e pelo propósito de construir um texto afro-identificado”.

A partir desse viés, buscou-se perceber o lugar de pertencimento e a experiência de pessoas negras que partem de um modo próprio de produzir o *corpus* literário que abrange a subjetividade vivenciada como pessoa negra no atual cenário brasileiro, além de identificar e analisar as personagens que apresentam maior intensidade de distopia e esperança presentes em *Becos da Memória*. É importante destacar que, longe do cânone, o romance, objeto de pesquisa, apresenta uma diversidade de personagens.

O trabalho tem como objetivo geral resgatar as vivências das vozes subalternas, que identificam as memórias da própria autora e dos seus nas vielas de cotidianos opressivos de apartação social. Ademais, buscou-se investigar na obra *Becos da Memória* (2022), como a esperança ou a falta de esperança são utilizadas como base para o desenvolvimento das personagens que representam a distopia e utopia, Tio Totó e Maria-Nova.

Para embasar nossa pesquisa utilizaremos teóricos que discutem as temáticas e os estudos que se baseiam na ideia de que a literatura tem o poder de retratar os mais diversos aspectos da realidade humana, seja ela utópica ou distópica. Conforme Durão (2020) aponta, a literatura é erguida sobre o alicerce de um contexto histórico específico, mantendo sua relevância ao dialogar com os horizontes futuros. A distopia literária, em particular, encarna essa qualidade crucial ao ecoar os dilemas do presente e tudo aquilo que o que escapou à nossa percepção.

No presente estudo, propõe-se uma análise do cenário contemporâneo brasileiro em relação às escritoras negras, com foco em Conceição Evaristo, além buscar questionamentos acerca do direito tanto à literatura quanto à escrita partindo

de reflexões resultantes da obra *Becos da Memória*, com aporte de teóricos como Duarte (2021), Machado (2014), Dalcastagnè (2011), entre outros.

Este estudo examina como essas autoras buscam reafirmar as raízes de povos historicamente marginalizados desde a era da escravidão até os dias atuais, tendo como objeto de pesquisa a escrita de Evaristo, que revela o verdadeiro semblante do Brasil, frequentemente mascarado e ocultado, e explora a vida de personagens que personificam e representam a população negra brasileira.

A obra *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, traz enfoque à esperança e distopia através da representação das personagens do enredo. A esperança surge como um fator de resistência e renovação diante do caos. Em contrapartida, a distopia, termo derivado do grego que significa "lugar ruim", é uma representação de um futuro catastrófico, onde a sociedade vive sob condições extremamente opressivas e desumanas. Cada beco é uma ferida aberta que sangra memórias dolorosas de violência e pobreza. No entanto, em meio à distopia aflora a esperança na figura da personagem principal Maria-Nova, seu nome já sugere futuro, esperança e continuidade.

Através da análise do contexto e das situações que desencadeiam tanto a esperança quanto a distopia na obra em questão, percebe-se que a esperança surge em momentos-chave da narrativa como meio de resistência dos personagens frente à hostilidade do cotidiano. Já as condições sócio-econômicas precárias funcionam como potencializadoras da sensação distópica. Pode-se dizer que ambas forças se entrelaçam na narrativa de forma a criar um retrato poético, porém realista, da vida em comunidades marginalizadas. A esperança é expressa na resiliência dos personagens e na busca constante por dias melhores, enquanto a distopia se manifesta através das condições de vida precárias, da violência e a sensação de não pertencimento ao seu lugar no mundo.

2 DIREITO ÀS ESCRIVÊNCIAS

A literatura é fruto e/ou espelho de um indivíduo de determinado ambiente, este último que influencia as ideologias, credences e formas de interpretação de mundo. Nesse sentido, Evaristo recorre à escrituragem na obra *Becos da Memória*, que foi produto da urgência de escrever e afirmar seus valores, além de inserir em suas obras o potencial das vozes que antes eram silenciadas forçadamente.

Segundo Machado (2014), Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em uma favela na capital de Minas Gerais, Belo Horizonte. Durante a década de 1970, mudou-se para o Rio de Janeiro visando participar de um concurso público para ingressar no magistério. Em 1976, iniciou seus estudos de graduação em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas teve que interrompê-los em 1980 devido ao nascimento de sua primeira filha, retomando apenas em 1989. Nos anos 1990 e 1996, respectivamente, ela publicou seu primeiro poema nos “Cadernos Negros” do grupo Quilombhoje e conquistou o título de mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mais tarde, em 2011, obteve o doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Autores como Bispo e Lopes (2018) ressaltam que Conceição Evaristo desafia o discurso homogêneo que busca impor uma visão uniforme do mundo, expondo as vozes subalternas pelas estruturas de poder. Em suas obras, Evaristo adota uma posição subjetiva que denuncia as barreiras enfrentadas pela população negra, oferecendo sua voz como representante dessa comunidade (Remeche e Sippel, 2019). Além disso, Machado (2014, p. 252) destaca, com base em suas entrevistas com Conceição Evaristo, que, embora ela já compartilhasse ideais do movimento negro enquanto residia em Belo Horizonte, foi somente ao chegar ao Rio de Janeiro que teve acesso a movimentos de militância política. Na capital fluminense, Evaristo participou de ações coletivas de luta, como as promovidas pelo grupo Negrícia: Poesia e Arte de Crioulo na década de 1980. Lá, a autora também teve a oportunidade de conhecer a cultura negra para além das fronteiras nacionais, adentrando as características fundamentais do Movimento Negro contemporâneo, o que culminou na criação de uma identidade negra afirmativa, com sentido político, capaz de enfrentar o racismo predominante.

Conceição Evaristo também se engajou na luta contra o racismo em ambientes institucionais, como nas universidades onde cursou graduação, mestrado e

doutorado. Para ela, a universidade é denominada como “um espaço de militância”, onde discursos diversos são legitimados, visando à disseminação do conhecimento não apenas entre os privilegiados, mas para todos (EVARISTO, 2013, *apud* Machado, 2014). Durante sua trajetória acadêmica, ela desenvolveu dissertações e teses que refletiam sobre a cultura afro-brasileira. No entanto, sua escrita não é moldada apenas por essa perspectiva institucional, mas também é alimentada por suas experiências desde a infância.

Evaristo (2009) relata que começou a trabalhar como doméstica aos oito anos, assim como sua mãe e sua tia, para famílias influentes, enquanto morava em Belo Horizonte. Além das tarefas domésticas, ela era responsável por lavar, recolher e entregar roupas nas casas de suas empregadoras, levar crianças vizinhas para a escola e trocar horas de serviço doméstico por aulas particulares com professoras. Essa condição moldou sua percepção não apenas de sua identidade negra, mas também de sua posição subalterna (Machado, 2014).

De raízes periféricas, a mineira publica seu primeiro romance “Ponciá Vicêncio” em 2003, que compartilha com o público leitor uma narrativa humana e complexa sobre a experiência de uma mulher negra no Brasil, desmontando estereótipos fabricados, principalmente sobre os deveres e corpo da mulher negra, desafiando o modelo literário dominante que identificava a temática da violência desnudada das grandes cidades na prosa contemporânea, como por exemplo, “Cidade de Deus”, de Paulo Lins (1997), e a agitação das grandes metrópoles como em “Eles eram muitos cavalos” de Luiz Ruffato (2002). Apesar das dificuldades, as vozes que habitavam na autora não cessavam, e a sua capacidade de dar voz as histórias dos excluídos através de uma escrita sensível e natural que ganhou repercussão.

A autora de escrituras foi se consolidando através da contação de histórias que ecoam nas memórias, um exemplo disso, é *Becos da Memória*, escrito pela autora nos finais dos anos 1980, mas publicado quase vinte anos depois de escrito, em 2006. Pelas próprias palavras da autora, o objetivo central foi resgatar as vozes, dores, falas de quem conta, que foram se misturando as vivências e observações de mundo, explodindo entre o acontecimento, narração do fato e ficcionalização de várias experiências que identificam as memórias da própria autora e dos seus nas vielas de cotidianos opressivos de apartação social possibilitando o que a Beatriz Resende (2008, p. 27) chama de presentificação, no sentido da urgência, necessidade de

escrita como intervenção imediata utilizando como recurso o universo da produção literária.

Dentre outros aspectos fundamentais ao se falar sobre uma das vozes mais proeminentes da literatura negra brasileira contemporânea, vale destacar também como a obra de Evaristo tem sido aclamada pelos críticos literários sendo o seu livro *Becos da Memória* traduzido até para a língua francesa através da editora Anacaona, em 2016. Outrossim, a escritora oferece em sua obra particularidades significativas sobre a experiência afro-brasileira, contribuindo para uma ampla compreensão sócio-histórica que abordam temáticas herdadas das raízes do colonizado-colonizador marcados na história do nosso país até a contemporaneidade. Através do arcabouço temático, Conceição Evaristo utiliza de elementos de estilo que possibilitam a combinação de poesia, oralidade e realismo social, utilizando a escrita como meio de resistência, desafiando estereótipos e expandindo os limites do que é considerado legítimo e relevante na produção literária com discussões sobre identidade e pertencimento.

Conceição Evaristo traz em sua obra raízes amargas da realidade brasileira por meio de uma construção narrativa de uma poética suave e natural que traz marcas de oralidade ancestral propositalmente inseridas na obra com o intuito de valorizar a cultura afro-brasileira. Conceição, juntamente com Carolina Maria de Jesus são as maiores representantes contemporâneas de uma literatura pouco disseminada no país. Elas representam as vozes de seus antepassados, constituindo-se como expressões escritas e verbais de uma comunidade cuja história, experiências, caminhos e culturas foram sistematicamente negligenciadas, em decorrência da predominância dos paradigmas ocidental e eurocêntrico nas narrativas.

Segundo a pesquisadora e escritora Regina Dalcastagnè (2005) em seus estudos sobre a personagem do romance brasileiro contemporâneo entre os anos 1990 a 2004, existe um impasse que é gerado pela constatação da ausência de dois importantes segmentos na literatura brasileira contemporânea: os estratos sociais de baixa renda e a comunidade negra. Essa pesquisa compreendeu 14 anos – 1990 a 2004 – e analisou 258 romances publicados pelas três maiores editoras do país: Companhia das Letras, Record e Rocco. A pesquisa realizada identificou 165 autores diferentes, sendo que 72,7%, ou seja, 120 do total são homens; 60% vivem no Sudeste, mais precisamente, em São Paulo e no Rio de Janeiro, enquanto que a

região norte e a nordeste juntas não ultrapassam os 6%. Em relação ao recorte racial, o desequilíbrio é ainda maior, sendo 90% do total de autores e autoras brancos.

Essa falta de reconhecimento de autoras negras e pobres na literatura contemporânea brasileira é uma realidade que reflete desequilíbrios históricos e estruturais na conjuntura do país. Enquanto a literatura escrita por autores brancos frequentemente recebe maior visibilidade e reconhecimento institucional, prêmios e aclamação, as obras de autoras negras e pobres tendem a ser marginalizadas, esquecidas, apagadas no cenário literário, limitando consideravelmente o alcance e impacto dessas importantes obras de autoras que visam trazer reflexões sobre a realidade dura e cruel das pessoas que vivem oprimidas e jogadas às margens da sociedade.

Essa disparidade pode ser atribuída a uma série de fatores interconectados propositalmente. Em primeiro lugar, há uma tendência de valorizar e privilegiar as perspectivas, experiências e narrativas de pessoas brancas dentro do cânone literário brasileiro, repetindo os mesmos ideais eurocêntricos que muitas vezes implicam em narrativas que ainda bebem das fontes de um passado que não representa os estratos sociais menos valorizados, perpetuando assim um ciclo de exclusão, esquecimento e discriminação das escrituras protagonizadas e representadas pelos subalternos nas obras de escritoras negras e de baixa renda. Além disso, as barreiras socioeconômicas, como acesso limitado à educação formal e recursos para publicação, também contribuem para a falta de representação desses grupos na literatura. Assim como afirma a professora de literatura na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Luana Barossi (2017) os heróis que se tornam mitos da história são predominantemente homens e brancos. Além disso, essa característica é observada em diversos outros contextos, tais como o parlamento, a política, a mídia e o meio acadêmico, importantes pilares do nosso país.

A falta de disseminação das obras de autoras negras na literatura brasileira contemporânea tem implicações profundas, que impossibilitam uma representatividade que contribua para a superação das barreiras do racismo estrutural, que é o principal objetivo dessas autoras. Além disso, essa falta de disseminação tende a perpetuar a marginalização desses grupos, que resultam não só na continuidade de construção de estereótipos que induzem a ideia de que os negros são limitados a papéis secundários, que na literatura contemporânea são ligados não apenas à pobreza, mas também à criminalidade. Além disso, os fatores

supracitados contribuem, também, para a perda de uma rica diversidade de vozes e perspectivas na narrativa literária brasileira que possibilitam o conhecimento e valorização da cultura de um dos povos que fazem parte da identidade nacional.

Contribuindo com essas perspectivas, Conceição Evaristo na sua dissertação de mestrado intitulada “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”, pontua sobre o negro ser tomado como objeto da narrativa, isto é, personagens secundários, estereotipados, hiper sensualizados e projetados como sujeitos inferiores. A autora traz como exemplos uma gama de personagens construídos através desse viés discriminatório com a qual os negros são vestidos em várias obras nacionais.

Dessa forma, após analisar personagens negros em obras de três movimentos literários diferentes e destoantes, entre eles, “São Bernardo” de Graciliano Ramos (1974), “O tronco do ipê” de José de Alencar (1964), “A grande arte” de Rubens Fonseca (1990), a autora Conceição Evaristo conclui em termos gerais a pouca presença de personagens negros, além do embate linguístico em que nas obras, a cultura dominante prevalece sobre a cultura negra que segundo a autora, compreende que em diversas obras consagradas da literatura brasileira, é perceptível um discurso eugênico que permeia a composição dos personagens negros. Esse viés muitas vezes os retrata de forma estereotipada, associando-os a características negativas e reforçando preconceitos enraizados na sociedade (EVARISTO, 2009).

A autora também reafirma as discussões do fundador do grupo Quilombhoje, Luiz Silva Cuti (EVARISTO, 2009, p. 20 *apud* CUTI, 2002, p. 32), de que as obras que são consideradas paradigmáticas da nossa literatura traduzem um desejo de eugenia, ou seja, representam um anseio de embranquecer a sociedade, que se ilustra, por exemplo, no romance “A escrava Isaura” de Bernardo Guimarães (1845). Considerada como um dos mais importantes romances abolicionistas, Bernardo Guimarães, ao não criar uma heroína negra, concebeu a personagem Isaura com a pele clara devido ao contexto histórico em que a obra foi escrita. Naquela época, o público principal dos romances era composto principalmente por burgueses, os quais poderiam ter dificuldade em aceitar ou apreciar uma protagonista negra. Assim, o autor optou por uma personagem de pele clara para tornar a história mais aceita para o público da época. No entanto, essa escolha também revela o racismo enraizado na sociedade daquele período, o qual está presente na obra, e que até a contemporaneidade se

repercute não apenas a eugenia, mas também o desejo de considerar ideologias que ainda se apoiam, segundo Evaristo

Nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-propriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor. (EVARISTO, 2009, p. 23)

Outro aspecto a ser considerado é que a personagem feminina negra, ao contrário da masculina, é frequentemente representada como objeto sexual, figura sensual e “mãe” dos filhos dos brancos, que se destacam em relação aos seus no cânone. A partir dessa perspectiva, Evaristo levanta questionamentos: estaria a literatura sendo utilizada como instrumento para suprimir elementos da herança africana na estrutura social brasileira? O panorama imaginário da literatura nacional poderia estar propenso a negligenciar o papel essencial desempenhado pela mulher negra na construção da identidade cultural do país? (EVARISTO, 2009, p. 24)

Apesar do contexto sombrio, a literatura contemporânea tem trilhado novos rumos. Com frequência, essas novas abordagens se afastam das produções canônicas, que por essa razão, resulta em uma visibilidade e inclusão limitada. Isso levanta questões sobre a discriminação na recepção das obras literárias atuais pela sociedade. Em um sistema em que prevalece a narrativa de que o Brasil foi "descoberto" e que a Lei de Abolição dos Escravos representou uma libertação, autoras como Conceição Evaristo desafiam não apenas ao criar personagens negras protagonistas e enredos relacionados, mas também questionam a narrativa histórica brasileira, que tende a ignorar eventos relevantes da trajetória dos africanos e de seus descendentes no Brasil e vangloriar narrativas que exploram os conceitos eurocêntricos como forma de fuga do reconhecimento de uma realidade nacional que infelizmente nunca poderá ser esquecida.

No livro *Becos da Memória* (2022), que é o foco de nossa pesquisa, Conceição Evaristo nos conduz ao mundo íntimo dos humilhados e ofendidos, retratando-os como pessoas sensíveis, marcadas não apenas pelos traumas da exclusão, mas também por seus desejos, sonhos e lembranças fragmentadas relacionadas a retirada forçada dos negros, mais uma vez identificados como subalternos do homem branco e da modernização desigual (OLIVEIRA, 2009).

Por mais que a escrita de Evaristo seja poética ao retratar essa perspectiva de mundo antes engavetada, é possível compreender que as vozes que foram dadas às personagens armazenam dentro de si uma gama de representações frias que a sociedade muitas vezes negligencia. Essas vozes carregam as dores e as lutas de uma população historicamente marginalizada, trazendo à tona experiências de opressão, exclusão e resistência. Em *Becos da Memória*, Evaristo consegue capturar a essência da vida nos becos e vielas da periferia, onde a realidade dura e a esperança de viver dias melhores coexistem e sintetizam uma beleza poética.

A narrativa de Evaristo revela a força e resiliência dos indivíduos que, apesar de todos os obstáculos que a vida dispõe, encontram maneiras de sobreviver e preservar sua dignidade. Diante do exposto, a obra não só agrega visibilidade às histórias esquecidas, mas também desafia os leitores a confrontar e refletir sobre as estruturas de desigualdade e racismo que perpassam a sociedade.

No seu significativo ensaio intitulado *Direito à Literatura* (2004), Antonio Candido discute sobre as habilidades que o indivíduo possuía como prerrogativa decorrente da literatura. Candido defende o direito universal à literatura com base na ideia de que a habilidade de contar histórias é uma necessidade essencial do ser humano, e na convicção de que a leitura proporciona um enriquecimento significativo para cada indivíduo.

Entretanto, segundo pontua Bossi (2017) o autor compreende o valor do texto erudito como algo de “fácil compreensão”, numa tentativa de incluir a todos, como algo essencial a vida. Mas e a literatura fora da fabulação? Teria espaço para os subalternos poderem também escrever? As literaturas criadas por eles também teriam o mesmo valor significativo quanto a literatura cânone, onde os personagens heróis e as mocinhas são brancas?

Antonio Candido estabelece uma conexão profunda entre literatura e direitos humanos, ao reconhecer a literatura como um dos "bens incompressíveis", fundamentais para a humanização e compreensão do mundo. Anteriormente, a produção artística era predominantemente voltada para e pela elite social, mas Candido destaca a importância de tornar a literatura acessível a todos, independentemente de sua origem ou posição social. Isso reflete uma mudança significativa na percepção da literatura, que passa a ser reconhecida como um bem cultural fundamental para todos os indivíduos.

Entretanto, há uma inclinação, especialmente entre as classes privilegiadas, de limitar os direitos daqueles historicamente marginalizados apenas ao básico necessário para a sobrevivência. Ao elevar a literatura a esse patamar de necessidade para a sobrevivência, Candido a posiciona retoricamente como uma necessidade fundamental do ser humano. Ele explora essa relação por dois ângulos distintos: primeiro, enfatizando a capacidade da literatura de organizar a mente humana, ao moldar os sentimentos e a visão de mundo, promovendo a libertação do caos e, conseqüentemente, a humanização; segundo, ressaltando seu papel de denúncia social, ao expor situações que restringem ou negam direitos, como a miséria, a servidão e a privação espiritual.

No entanto, Candido não aborda uma terceira dimensão, que não se relaciona ao direito à literatura erudita que descreve a experiência do subalternizado do ponto de vista do intelectual. Essa dimensão inclui a literatura produzida e narrada pelo próprio subalternizado, oferecendo uma perspectiva autêntica e direta sobre suas vivências e realidades. Esta literatura, muitas vezes marginalizada e subestimada, desempenha um papel crucial ao dar voz e visibilidade às experiências e lutas das comunidades marginalizadas. (CANDIDO, 1988, p. 186, *apud* BOSSI, 2017, p. 24-25).

A inclusão dessa perspectiva é fundamental para uma compreensão completa do papel da literatura na sociedade. Autores como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus exemplificam a importância da literatura de autoria subalterna. Evaristo, com sua técnica de "escrevivência", narra a realidade das mulheres negras nas favelas brasileiras, enquanto Carolina Maria de Jesus, em sua obra "Quarto de Despejo", oferece um relato visceral de sua vida nas favelas de São Paulo. Estas obras não apenas desafiam as narrativas dominantes, mas também ampliam o cânone literário, incorporando vozes que historicamente foram silenciadas.

A literatura subalterna, portanto, não deve ser vista apenas como um complemento à literatura erudita, mas como uma parte integral e indispensável da cultura literária. Ela proporciona uma forma de resistência contra a opressão cultural e social, permitindo que as histórias e as perspectivas das comunidades marginalizadas sejam reconhecidas e valorizadas. Este reconhecimento é vital para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa, onde todas as vozes têm a oportunidade de serem ouvidas e respeitadas. Além disso, a valorização da literatura subalterna contribui para a diversidade do pensamento crítico e enriquece o

entendimento da complexidade da experiência humana, desafiando e expandindo as fronteiras tradicionais do conhecimento literário.

Compreende-se que o ensaio de Antonio Candido foi publicado no livro *Vários Escritos*, lançado em 1988, mesmo ano da promulgação da Constituição Cidadã. No entanto, desde a década de 1970, o conceito de literatura afro-brasileira, afrodescendente, afrodiaspórica ou negra tem ganhado destaque, ainda que não tenha sido totalmente institucionalizado, permanecendo sujeito a debates e tensões. Esse desenvolvimento reflete as discussões étnico-raciais tanto dentro quanto fora do ambiente acadêmico.

Estudos das pesquisadoras Marra e Maringolo (2020, p. 15), considerando o ano de 2020 como referência, verificaram-se que não existia no Brasil nenhuma linha de pesquisa dentro dos Estudos de Literatura Brasileira voltada especificamente para a literatura negra ou afro-brasileira, o que induzia os teóricos a recorrer para análises originadas de campos como Teoria Literária, Estudos Culturais, Literatura Comparada, entre outros, demonstrando a escassa interação dentro do campo dos Estudos de Literatura Brasileira com as literaturas consideradas minoritárias ou não canônicas.

A institucionalização da literatura afrodescendente enfrenta desafios, como a necessidade de inclusão nos currículos escolares e universitários, o reconhecimento pelos cânones literários estabelecidos, e a promoção de políticas públicas que incentivem a publicação e disseminação dessas obras. Além disso, as tensões e debates em torno dessa literatura refletem questões mais amplas de representação, poder e hegemonia cultural. A resistência à plena aceitação e valorização da literatura afro-brasileira pode ser vista como parte de uma luta contínua contra as estruturas de opressão racial e cultural que ainda persistem na sociedade.

Ao mesmo tempo, o crescente interesse e valorização da literatura afrodiaspórica indicam um movimento progressivo em direção à inclusão e reconhecimento da diversidade literária. As discussões em torno dessa literatura não apenas ampliam o escopo dos estudos literários, mas também contribuem para uma maior compreensão das complexas interações entre cultura, identidade e poder. A obra de Candido, ao destacar a importância da literatura como um direito humano, oferece uma base teórica que pode ser ampliada para incluir e legitimar essas vozes literárias emergentes, promovendo assim uma visão mais inclusiva e equitativa da literatura brasileira.

Independentemente das nuances conceituais, especialmente no que diz respeito ao delicado problema da autoria, a literatura negra ou afro-brasileira é frequentemente abordada em termos de escrita que apresenta pontos de vista demarcados principalmente pelo propósito de construir um texto identificado como afro e pelo pertencimento étnico (DUARTE, 2011, p.37).

Quando é questionado aos próprios escritores desse movimento, Conceição Evaristo compreende que

Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também, desde aquela época, abarcava essas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita. E se, inconscientemente, desde pequena, nas redações escolares eu inventava outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de autoafirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra. (EVARISTO, 2020, p.23)

Foi a partir desse momento de escreve o seu íntimo que a autora talvez tenha percebido a função da escrita como sinônimo de urgência, de compartilhar a dor dos seus semelhantes, o que justifica a necessidade de escrever e representar as dores das adversidades.

Além disso, Munanga (2004, p. 76) discute que a literatura afro-brasileira frequentemente emerge como um espaço de denúncia e de reflexão crítica sobre as condições de vida impostas às populações negras, sendo um espaço de recriação de identidades e de construção de novas subjetividades. Nesse contexto, a escrita de Evaristo pode ser vista não apenas como um ato pessoal, mas como um veículo para a crítica social e a resistência política. Conceição Evaristo, em suas obras, exemplifica essa função ao transformar experiências pessoais e coletivas em uma narrativa que desafia as estruturas de opressão racial e de gênero.

A urgência de compartilhar a dor dos seus semelhantes, como apontado por Evaristo, reflete uma tradição na literatura afro-brasileira que busca narrar e valorizar as experiências da comunidade negra, oferecendo uma contraposição às narrativas hegemônicas e eurocêntricas. Gomes (2017, p. 98) enfatiza que essa literatura não só registra a história e a cultura afro-brasileira, mas também serve como um meio de luta contra o racismo e de afirmação identitária.

Dessa forma, a escrita de Conceição Evaristo representa um movimento duplo de fuga e inserção: fuga para sonhar com outras possibilidades de existência e inserção para modificar a realidade através da denúncia, da reflexão crítica e da reafirmação de sua identidade enquanto mulher negra. Este é um processo que transforma a literatura em um espaço de resistência e de transformação social.

Em relação a essa perspectiva, Antoine Compagnon (2003), discute que o estudo literário ou literatura está permanentemente posicionado entre duas abordagens inegáveis: uma abordagem histórica, que encara o texto como um documento escrito, e uma abordagem linguística, que percebe o texto como um evento da língua, ressaltando a literatura como uma expressão artística linguística. Enquanto que Eduardo Duarte (2010), discorre que a literatura afro-brasileira tem o teor identitário, e ainda compreende que o fazer literário viabiliza a (re)conquista da posição de sujeito da enunciação, quebrando a tradição eurocêntrica e discriminatória que trazia personagens negros apenas como escravo, força de trabalho e objeto sexual, além de viabilizar a escrita no ponto de vista histórico através de vozes que antes eram propositalmente silenciadas.

Assim, percebe-se que a produção literária de autores e autoras negras carrega consigo o processo de emancipação, que representa a libertação das amarras opressoras. Isso não apenas implica o reconhecimento das vozes subalternizadas, mas também oferece a possibilidade de mitigar um sistema de poder que perpetua a hegemonia e a subalternidade (MIGNOTO, 2003, p. 178). Essa perspectiva corrobora com o que é exposto no romance *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, que trata de forma incisiva e representativa as vivências e as batalhas enfrentadas pelas pessoas negras no Brasil, examinando as nuances da identidade, da memória e da resistência que vão contra aos preceitos do que se é considerado “cânone absoluto” na nossa literatura brasileira.

3 A CON(FUSÃO) NA ANÁLISE DA PERSONAGEM

O principal objetivo deste trabalho é investigar como a esperança ou a falta de esperança são utilizadas como base para o desenvolvimento das personagens na obra *Becos da Memória* de Conceição Evaristo. O romance memorialista é centrado nas agruras de uma comunidade de uma favela prestes a ser demolida. Sob a ameaça de despejo – "o plano de desfavelamento [...] aborrecia e confundia a todos" (EVARISTO, 2022, p. 116). Assim, vidas, sonhos, experiências e conhecimentos são colocados em perigo.

A trama se desenrola através dos olhos de Maria-Nova, uma menina de 13 anos que atua como narradora-personagem, testemunhando e expressando as alegrias e dores de todos os envolvidos. As histórias, entrelaçadas sem seguir uma linha de tempo linear, emergem de um ambiente fragmentado - a comunidade afetada pelo processo de remoção, "dava a impressão de que nem eles sabiam direito por que estavam erradicando a favela. Diziam que era para construir um hospital ou uma companhia de gás, um grande clube, talvez" (EVARISTO, 2022, p. 116).

Antes de adentrar as discussões referentes à análise das personagens da obra *Becos da Memória*, faz-se necessário constatar alguns adendos que giram em torno da confusão entre a autora e a personagem Maria-Nova, com o qual pesquisadores discutem esse livro de cunho biográfico.

Becos da Memória não é uma autobiografia, mas sim uma obra de ficção contemporânea com elementos autobiográficos e memorialísticos. Podemos analisar a forma como Conceição Evaristo constrói sua narrativa, incorporando sua experiência pessoal e a de outros indivíduos de sua comunidade de forma literária. A obra incorpora a técnica de "escrevivência", um termo cunhado pela própria autora, que se refere à escrita das experiências vividas pelos negros no Brasil. A obra mescla ficção com elementos autobiográficos, mas não se restringe à vida de Evaristo, abrangendo uma memória coletiva e social das favelas e das condições de vida dos marginalizados, assim com a autora relata nos agradecimentos do livro *Becos da Memória*

Fui então para o exercício da escrita. E como lidar com a memória ora viva, ora esfacelada? Surgiu então o invento para cobrir os vazios de lembranças transfiguradas. Invento que atendia ao meu desejo de que as memórias aparecessem e aparecessem inteiras. E quem me ajudou nesse engenho? Maria-Nova. [...] Insinuo, apenas, que a literatura marcada por um *escrevivência* pode con(fundir) a identidade da personagem narradora com a

identidade da autora. Esta con(fusão) não me constrange. (EVARISTO, 2017, n.p)

Os personagens e suas histórias em *Becos da Memória* (2022) são fictícios, mas são inspirados em experiências reais. A autora utiliza personagens como Maria-Nova, que, embora possam ter traços autobiográficos, representam figuras coletivas e não são meramente alter egos da autora. A narrativa abrange várias vidas e histórias, refletindo a diversidade de experiências na favela.

A relação entre Evaristo e seus personagens é complexa. Embora a autora projete partes de sua identidade nos personagens, ela também se distancia deles, permitindo uma elasticidade narrativa onde diferentes aspectos da experiência negra são explorados. Isso reforça o caráter de ficção da obra, pois não se trata de um relato direto e cronológico da vida de Evaristo, mas de uma construção literária que mistura realidade e imaginação.

O conceito de escrevivências não só destaca a experiência pessoal da autora, mas também a insubordinação contra a narrativa dominante. Isso implica uma abordagem literária que vai além do relato pessoal, utilizando a escrita como uma ferramenta de resistência e representação de uma comunidade mais ampla, e não apenas de si mesma. Portanto, *Becos da Memória* deve ser compreendido como um romance que, embora contenha elementos autobiográficos, transcende a vida da autora para se tornar uma obra de ficção que retrata a experiência coletiva de um grupo social marginalizado. Essa abordagem permite que a obra ressoe com uma ampla gama de leitores que compartilham ou reconhecem essas experiências.

Para além da con(fusão) autora-criação-memória, o livro *Becos da Memória* foi escrito nos anos 1980, mas publicado apenas em 2006, um indicativo de desafios enfrentados por autores de origens marginalizadas e a dificuldade de inserção no mercado editorial até recentemente. Conceição Evaristo é uma autora contemporânea, nascida em 1946, cujo trabalho reflete questões sociais e culturais pertinentes ao Brasil atual, particularmente no que se refere à experiência afro-brasileira e à vivência nas periferias urbanas.

Na obra *Becos da Memória*, a escritora combina diferentes estilos e formas de narrativa para expor a complexidade das memórias e vivências dos moradores da favela. Este mosaico de vozes e perspectivas é um exemplo claro da abordagem dialógica discutida por Bakhtin (2010), onde múltiplos discursos coexistem e interagem dentro do mesmo texto. O livro utiliza elementos da narrativa tradicional,

descrições líricas, diálogos e reflexões introspectivas para construir uma narrativa rica e multifacetada.

Evaristo descreve de forma detalhada a vida nas favelas, utilizando uma linguagem poética para transmitir a intensidade das experiências vividas pelos personagens. Isso é evidente na forma como as memórias subterrâneas são trazidas à superfície através da escrita, misturando o poético com o documental.

O texto frequentemente alterna entre a narração de eventos e a reflexão sobre essas experiências, dando voz a uma variedade de personagens que representam diferentes aspectos da comunidade, como a bondosa Vó Rita, que simboliza a generosidade e a resistência das tradições comunitárias, que no livro era descrita, “Vó Rita tinha rios de amor, chuvas e ventos de bondade dentro do peito” (EVARISTO, 2017, p. 28). Dessa forma, cabe ao pesquisador, segundo Brait (1985, p. 67) analisar a personagem a partir do texto, que flagra os espaços de existência desses seres habitantes da ficção que se materializam através da tinta e do papel.

Mikhail Bakhtin (2010) enfatiza a natureza dialógica da linguagem, onde múltiplas vozes coexistem e interagem. Em *Becos da Memória*, essa pluralidade de vozes é evidente. A narrativa incorpora não apenas a perspectiva da narradora principal, mas também as histórias e vozes de outros personagens, criando um texto polifônico que reflete a diversidade da experiência humana na favela. Este uso de múltiplas vozes e gêneros textuais dentro de um único texto é um exemplo claro da teoria de Bakhtin em ação. Portanto, *Becos da Memória* é um livro contemporâneo que exemplifica a diversidade textual típica de obras modernas, alinhando-se às teorias de Bakhtin sobre a dialogicidade e a coexistência de múltiplos discursos em um só texto.

4 "MORRER DE NÃO VIVER" VERSUS "VIVER DO VIVER"

Maria-Nova é uma personagem complexa e multifacetada na obra de Conceição Evaristo. Sua caracterização e trajetória revelam diversos aspectos significativos sobre sua personalidade e as condições sociais de seu contexto. A personagem é apresentada como uma figura espiritual e respeitada dentro da favela, sendo reconhecida por sua habilidade de leitura e recitação de orações. Ela se torna uma "tiradeira oficial de rezas", especialmente valorizada por sua capacidade de ler em latim, como nas ladainhas e no Salve-Rainha. Esta habilidade não só lhe confere um papel de possível liderança espiritual, mas também reflete sua resiliência e capacidade de encontrar significado e propósito em meio às adversidades que transfiguram a forma de observar e registrava como uma câmera a vida dos seus, que solidificaram o seu "desenvolvimento"

A menina crescia. Crescia violentamente por dentro. Era magra e esguia. Seus ossinhos do ombro ameaçavam furar o vestidinho tão rasgado. Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e a fogo. A vida não brincava com ela nem ela brincava com a vida. Ela tão nova e já vivia mesmo. Muita coisa, nada ainda, talvez ela já tivesse definido. Sabia, porém, que aquela dor toda não era só sua. Era impossível carregar anos e anos tudo aquilo sobre os ombros. Sabia de vidas no silêncio. (EVARISTO, 2017, p. 76)

Mesmo imersa em uma realidade de extrema pobreza, a personagem que também assume o papel de narradora das histórias alheias, Maria-Nova é retratada como um jovem ciente das dificuldades enfrentadas na favela. A personagem nutre um profundo desejo de progresso coletivo e de manutenção da coesão comunitária, apesar das adversidades. No entanto, antes de vislumbrar seu mundo com determinação, Maria-Nova foi envolvida pela desesperança desde tenra idade, devido às inúmeras dificuldades enfrentadas.

A mãe sempre contava que a mamadeira dela era água e fubá, muitas vezes sem açúcar. Vingou, cresceu apesar de tudo. Muitas vezes saía para a escola sem comer nada. Muitas vezes se alimentava das sobras que vinham da casa das patroas da mãe e da tia. Dias havia que ficavam sem comer quase nada. (EVARISTO, 2017, p. 159-160)

Constantemente questionadora, a menina entra em conflito quando a falta de esperança, sem aviso prévio, se personifica na expressão "morrer de não viver", dita por Cidinha-Cidoca, que logo em seguida é encontrada sem vida no Buracão. Este

incidente suscita uma reflexão profunda sobre a urgência de viver de forma plena, não apenas por absorver as histórias narradas, mas também por não permitir que a existência se esvaneça na penúria.

Não, ela jamais deixaria a vida passar naquela forma tão disforme. Era preciso crer. [...] Era preciso viver. "Viver do viver". A vida não podia se gastar em miséria. Pensou, buscou lá dentro de si o que poderia fazer. Seu coração arfava mais e mais, comprimindo lá dentro do peito. O pensamento veio rápido e claro como um e raio. Um dia ela iria tudo escrever. (EVARISTO, 2017, p.160)

Neste excerto, evidenciamos a determinação e a resiliência da personagem em buscar uma existência mais digna, apesar das condições adversas em que se encontra. A expressão "Viver do viver" destaca a importância de apreciar cada momento da vida, mesmo diante das circunstâncias mais árduas.

A esperança é um tema central destacado na leitura de *Becos da Memória*, onde a narrativa revela a dura realidade enfrentada por crianças de uma comunidade marginalizada em sua busca por educação. Apesar da fome que as acompanha no trajeto escolar, resultante da necessidade de priorizar a compra de materiais escolares em detrimento de alimentos, há uma chama de esperança que brilha através da determinação e do sacrifício.

A esperança de Maria-Nova sempre ressurgue mais vigorosa nos momentos mais sombrios da narrativa, evidenciando a resiliência da personagem em seu ambiente. Outro exemplo de idealismo é expresso na contemplação do acidente envolvendo os homens-vadios-meninos, em que Maria-Nova, por meio de um narrador onisciente, reflete sobre a situação, "é impossível que tudo se acabe assim, pensou a menina. Vida. É preciso, não sei como, arrumar uma nova vida para todos." (EVARISTO, 2017, p. 136)

Essa resiliência se evidencia até mesmo no ponto mais desolador da narrativa de *Becos da Memória*: a morte de Tio Totó, uma figura de extrema importância ao longo da história e uma fonte de inspiração para Maria-Nova, pois a dor resultante da perda de Tio Totó representava para a protagonista um compromisso intrínseco de buscar uma melhoria nas condições de vida tanto para si mesma quanto para os demais membros da comunidade. Mesmo em meio à aparente ironia e despropósito da existência, ela internalizava a convicção de que era imperativo unir-se aos demais,

desempenhando um papel ativo na restauração, aprimoramento e transformação do contexto social em que estavam inseridos.

Nesse contexto, a dor assumia um papel catalisador, alimentando sua determinação e servindo como uma fonte de energia que impelia sua continuidade na luta por mudanças significativas, “[...] era preciso tocar para frente. Ela sabia que a parada significava recuo, era como trair a vida. A menina ia á procura, a cata de algo e não queria voltar de mãos vazias” (EVARISTO, 2017, p. 177).

Nessa perspectiva, surge a aspiração de Maria-Nova de se tornar escritora, que simboliza sua busca por voz e identidade, tanto para si mesma quanto para sua comunidade. Ela entende a escrita como uma forma de resistência e preservação da memória coletiva, pretendendo narrar as experiências e lutas dos moradores da favela para que suas histórias sejam ouvidas e reconhecidas.

Sim, ela iria adiante. Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo. (EVARISTO, 2017, p. 177)

O que realça a hipótese de que a força interior da personagem e seu desejo de transformar não só sua própria realidade, mas também a daqueles que a cercam, demonstrando que, mesmo diante das dificuldades, é possível encontrar esperança e agir para edificar um futuro mais promissor. Em suma, Maria-Nova é uma personagem que encapsula a força, resiliência, e esperança de uma comunidade marginalizada. Sua jornada pessoal é marcada por um profundo senso de responsabilidade e compromisso com a transformação social através da escrita.

5 SÃO, SALVO E SOZINHO

Antônio João da Silva - Tio Totó - é retratado como um homem que personifica a resistência e a luta contínua contra as adversidades da vida. Ele é descrito como um homem de risos e sorrisos fartos, com seus noventa e tantos anos, cuja gargalhada retumbante contrastava com as sérias expressões de outros personagens, como Mãe Joana.

Tio Totó tem uma história marcada por perdas e superações. Ele veio de uma linhagem de escravos e enfrentou muitas tragédias pessoais, incluindo a perda de duas esposas e de seus filhos. Mesmo assim, ele manteve uma postura positiva por grande parte da vida, sempre repetindo a história de sua travessia do rio como um marco de sua sobrevivência e resiliência: "Cheguei são, salvo e sozinho na outra banda do rio. Gostaria de ter morrido, mas estou aqui", além de repetir "Eu não sou de morte fácil, de vida difícil, sim!" (EVARISTO, 2017, p. 48).

O personagem manifesta seu abatimento desde as primeiras páginas do romance *Becos da Memória*. Na sua aparição inicial, a narradora-personagem Maria-Nova relata: "Tio Totó andava inconsolável: já velho, mudar de novo, num momento que seu corpo pedia terra" (EVARISTO, 2017, p. 18). No interior do personagem residia um único desejo: permanecer na favela, que ele via como sua última morada. O sentimento de ser removido de um lugar que antes lhe parecia seu dissipou-se com o início do processo de desfavelamento. Assim, Tio Totó observava tudo com um olhar de despedida. O fim da favela representava, para ele, o fim de sua própria existência.

- Maria-Velha, dizem uns que a vida é um perde e ganha. Eu digo que a vida é uma perdedeira só tamanho é o perder. Perdi Miquilina e Catita. Perdi pai e mãe que nunca tive direito, dado ao trabalho de escravo nos campos. [...] E hoje, agora a gente perde um lugar que eu já pensava ser dono. Perder a favela! Bom que meu corpo já está pedindo terra. Não vou mesmo muito além. (EVARISTO, 2017, p. 29)

Tio Totó começou a manifestar sinais de envelhecimento não apenas em termos físicos, mas também emocionais e espirituais. Ele perdeu a esperança e o desejo de recomeçar, expressando um cansaço profundo da vida e um anseio pela morte como forma de escapar das contínuas adversidades, "ele envelhecia porque estava perdendo as esperanças" (EVARISTO, 2017, p. 48).

O trecho "são, salvo e sozinho" é destacado na obra doze vezes para enfatizar seu abatimento, cansaço, tristeza, falta de sonhos e o excesso de dores resultantes

da solidão e da sensação de inutilidade diante dos obstáculos da vida, que não apenas lhe roubavam a esperança, mas também as pessoas que amava.

Apesar de seu desejo de desistir, Tio Totó desempenha um papel crucial na vida de Maria-Nova, representando uma ligação com o passado e uma fonte de sabedoria acumulada para a menina e para todos em seu meio. Ele também é uma figura que questiona seu próprio valor na comunidade à medida que a favela enfrenta transformações e deslocamentos, mas sempre se vê resistente a saída do seu lugar na favela.

Entretanto, nem sempre foi assim. Tio Totó aparece em diversos momentos da narrativa, que são transmitidos tanto em terceira pessoa quanto em primeira pessoa, narrando sua própria trajetória de vida. Desde o nascimento em um lugar que ele sabia não ser seu local de origem até a morte de sua primeira esposa Miquilina e sua filha Catita no rio, onde ele prometera que se agarraria na promessa de uma vida melhor, “apesar da dor, havia decidido que louco não ficaria, nem abobado Tentaria ludibriar o sofrimento” (EVARISTO, 2017, p. 51). Dessa forma, Tio Totó apresentando momentos de coragem e resistência ao retomar as memórias dos momentos de “dores pontiagudas” que habitavam em seu coração enlutado.

Maria-Nova, observando o envelhecimento de Tio Totó que simbolizava também a perda das forças de esperança, tenta comunicar-lhe um pouco de juventude, tentando atenuar a desesperança,

Maria-Nova assistia ao envelhecimento de Tio Totó e desejava comunicar-lhe um pouco de juventude. Ela sabia que a morte resolve os problemas de quem morre e raramente de quem fica. Ela sabia que o Tio Totó queria morrer porque se sentia mais uma vez ludibriado na vida. Ela compreendia a razão dele, mas perguntava ao Tio Totó:

- E nós, e eu?

Tio Totó insistia:

- Maria-Nova, para que sirvo? A favela acabando, por que tenho de ir com vocês? Por que não parar aqui? Meu corpo pede terra. (EVARISTO, 2017, p. 49)

Tio Totó representa a resistência e o desespero frente à desfavelização forçada. Sua recusa em deixar a favela, mesmo com o avanço das políticas de remoção, simboliza a luta pela permanência em um espaço que, apesar de precário, é o único lar que conhece. A narração destaca seu desespero e a proximidade com a

morte, revelando um personagem que, já no final da vida, vê-se despojado de esperança e profundamente afetado pelas políticas excludentes.

Tio Totó, cada vez mais, tornava-se íntimo da morte, despojava-se da esperança. Revivia o que passara, coisas tristes, tristes mesmo! Algumas alegres num tempo de esperança que procurou. Procurou a esperança bem lá no fundo do coração e só escutou a batida seca e dura do órgão. [...] Cutucou mais um pouco o coração, levou a mão no peito tentando localizar a esperança, apenas o coração batia vazio. Relembrou quando chegou são, salvo e sozinho, a outra banda do rio e a sensação era a mesma. (EVARISTO, 2017, p. 75)

A figura de Tio Totó é central para a memória coletiva da favela. Sua história pessoal, marcada pelo trabalho árduo e pelas perdas familiares, reflete a trajetória de muitos moradores que construíram suas vidas nesse espaço. O texto de Conceição Evaristo denuncia a modernização desigual que, em nome do progresso, destrói laços comunitários e empurra os mais pobres para condições ainda mais precárias. Tio Totó é uma representação das vítimas diretas dessa política, que privilegia interesses econômicos e institucionais sobre a dignidade humana, "Tio Totó envelhecia, perdia as esperanças. Via a vida dado tudo errado. [...] E quando chegasse a vez da família dele? O que seria de todos?" (EVARISTO, 2017, p. 87).

Totó, como muitos outros personagens da favela, vive uma existência subalterna, marginalizada, que Evaristo traz à luz em seu romance. Sua vida é marcada por uma luta constante contra a opressão, que se revela na sua resistência ao deslocamento e na sua recusa em abandonar seu lar mesmo diante da morte iminente, "Tio Totó não se conformava com o acontecido. Deus do céu, seria aquilo vida? Por que a gente não podia nascer, crescer, multiplicar-se e morrer numa mesma terra, num mesmo lugar?" (EVARISTO, 2017, p.18).

Tio Totó, em *Becos da Memória*, encarna a distopia vivida pelos marginalizados em uma sociedade que avança tecnologicamente, mas permanece desigual. Sua história pessoal, sua resistência e seu desespero são um microcosmo da luta coletiva da favela contra a opressão sistêmica. Conceição Evaristo, ao dar voz a personagens como Tio Totó, denuncia a violência da modernização excludente e reivindica a memória e a dignidade dos subalternos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, evidencia a complexidade da vida nas favelas e a resistência dos moradores diante da desfavelização. Personagens como Tio Totó e Maria-Nova representam, respectivamente, a distopia e a esperança inerentes ao cotidiano desses espaços. A recusa de Tio Totó em abandonar a favela, mesmo diante das políticas de remoção, simboliza a luta por um espaço que, apesar de suas adversidades, é o único lar que conhece. Essa resistência é complementada pela figura de Maria-Nova, cuja resiliência e determinação em se tornar escritora refletem a esperança de transformação e voz para sua comunidade.

A obra de Evaristo revela o verdadeiro semblante do Brasil, frequentemente mascarado e ocultado, explorando a vida de personagens que personificam a população negra brasileira. A distopia se manifesta nas condições de vida precárias, na violência e na sensação de não pertencimento, enquanto a esperança emerge como um fator de resistência e renovação diante do caos. A narrativa destaca como essas forças se entrelaçam para criar um retrato poético, porém realista, da vida em comunidades marginalizadas.

A partir da análise realizada, é evidente que a literatura afro-brasileira desempenha um papel crucial na construção e na afirmação das identidades negras no Brasil. Conforme discutido, a escrita de Conceição Evaristo exemplifica esse movimento ao utilizar a literatura como uma ferramenta de denúncia e reflexão crítica, destacando a condição das populações negras e a busca por justiça social.

Em conclusão, a obra de Conceição Evaristo não apenas representa um marco na literatura afro-brasileira, mas também serve como um poderoso instrumento de transformação social. Ao dar voz às experiências das mulheres negras, Evaristo não só afirma sua identidade, mas também desafia e ressignifica a narrativa histórica, promovendo um espaço de resistência e esperança para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **O tronco do ipê**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- Barossi, Luana. **(Po)éticas da escrevivência**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea [online]. 2017, pp. 22-40. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-4018512>. Acesso em: 12 maio 2024.
- BISPO, Ella Ferreira; LOPES, Sebastião Alves Teixeira. Escrevivência: perspectiva feminina e afrodescendente na poética de Conceição Evaristo. **Revista Língua&Literatura**, v. 35, n. 20, p. 186-201, 2018.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- CUTI, Luiz Silva. "O leitor e o texto afro-brasileiro" In: FIQUEIREDO, Maria do Carmo Lana; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, Mazza Edições, 2002. p. 19-36.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 26, p. 13–71, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 11 maio 2024.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Entre Orfeu e Exu, a afrodescendência toma a palavra. *In: Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021. v. 1. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/152-eduardo-de-assis-duarte-entre-orfeu-e-exu-a-afrodescendencia-toma-a-palavra>. Acesso em: 11 maio 2024.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia de Pesquisa em Literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2022. 198 p.
- _____. *In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. Escrevivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. cap. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita, p. 48-54. Disponível

em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 12 maio 2024.

_____. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

FONSECA, Rubens. **A grande arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que não aparece na literatura: a escrita de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Editora Mulheres, 2017.

MACHADO, Bárbara Araújo. Escre(vivência)": a trajetória de Conceição Evaristo. **História Oral**, [s. l.], ano jan./jun. 2014, v. 17, ed. 1, p. 243-265, 31 jul. 2014.

MARRA, Laísa; MARINGOLO, Cátia Bocaiuva. Literatura Afro-brasileira: textualidade e corporeidade. **Em Tese**, v. 26, n. 1, p. 14-31.

MIGNOLO, W. **Histórias locais/Projetos Globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 2004.

Oliveira, Luiz Henrique Silva de. "**Escrevivência**" em **Becos da memória, de Conceição Evaristo**. Revista Estudos Feministas [online]. 2009, v. 17, n. 2 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200019>. Epub 07 Dez 2009. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200019>. Acesso em: 12 maio 2024.

RAMO, Graciliano. **São Bernardo**. São Paulo: Livrarias Martins Editora, 1974.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi; SIPPEL, Juliano. A escrevivência de Conceição Evaristo como reconstrução do tecido da memória brasileira. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 20, n. 2, p. 36-51, 2019.

RUFFATO, Luiz. **Eles eram muitos cavalos**. Rio de Janeiro: Record, 2007.